



PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio  
Cultural  
ISSN: 1695-7121  
[info@pasosonline.org](mailto:info@pasosonline.org)  
Universidad de La Laguna  
España

Campos, Marcus

Turismo na África: A atividade turística como perspectiva de alternativa futura ao Continente  
PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, vol. 6, núm. 1, enero, 2008, pp. 121-127  
Universidad de La Laguna  
El Sauzal (Tenerife), España

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88160111>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal  
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

## Opiniones y ensayos

### *Turismo na África: A atividade turística como perspectiva de alternativa futura ao Continente*

**Marcus Campos**

marcusvinicius.campos@gmail.com

Abordar o Turismo na África é algo que remete a grande complexidade, pois a diversidade étnica, política, religiosa e geográfica fazem com que as diferenças sejam nítidas, embora os problemas sociais uma similitude preocupante e pela qual o Turismo pode enfrentar. Tratar do Turismo na Líbia é completamente diferente da análise a ser feita do Quênia, por exemplo.

Nessa abordagem vamos subdividir a África em três partes, a primeira o Norte, em seguida a África Central, cujos problemas são mais graves, e finalmente o Sul da África, conhecida como África Subsahariana. Pode-se notar que é uma região diversa, rica em atrativos, porém de grandes desafios.

O fato é que o Turismo é completamente diferente de acordo com a região do continente, verifica-se, por exemplo, ao norte uma forte influência de visitantes europeus e ao sul – as duas regiões mais desenvolvidas para o Turismo – constata-se

um setor da economia cada vez mais crescente e evolutivo.

#### **Turismo no Norte da África**

Essa foi uma das primeiras regiões fora do continente europeu a receber influência do Turismo como nova atividade econômica, a principal razão para isso foi à proximidade com a Europa e sua riqueza cultural decorrente de anos de presença humana que registrou momentos importantes da história, agregado a uma natureza rica, sobretudo pela atratividade do Mar Mediterrâneo.

#### **Indicadores do Turismo no Egito, Tunísia e Marrocos – 1985/1995.**

	1985	1990	1995	
	Nº de turistas 000	Receita do Turismo –US\$ (milhões)	Nº de turistas 000	Receita do Turismo –US\$ (milhões)
<b>Egípto</b>	1407	901	2411	1994
<b>Tunísia</b>	2003	551	3204	953
<b>Marrocos</b>	2180	606	4023	1259
				2672
				2684
				4120
				1402
				2601
				1163

Quadro 2.1 – Indicadores do Turismo no Egito, Tunísia e Marrocos. Fonte: WTO, YTS, varias fontes, 1987, 2000, in Mansfeld, Winckler.

Alguns países se adiantaram em relação a outros, cita-se principalmente o Marrocos, a Tunísia e o Egito, outros, no entanto, por razões políticas e econômicas não tem uma evolução tão acentuada como Líbia e Argélia. Acredita-se que em mais alguns anos esses países também estarão no circuito turístico internacional. A Organização Mundial do Turismo prevê que as taxas de crescimento turístico da Líbia até 2020 sejam na casa dos 10%, chegando tanto este quanto a Argélia ao patamar de 1 milhão de visitantes estrangeiros.

Os países do Norte da África são em sua essência muçulmanos, o que decorre algumas vezes em conflitos culturais, ou de forma mais grave em atentados terroristas, devido sobremaneira a um temor da “occidentalização” do oriente em decorrência do Turismo; acompanhou-se nos últimos anos graves ataques contra turistas no Egito, que de maneira geral superou os problemas enfrentados nos últimos quinze anos.

Nesse quadro pode-se analisar a evolução do Turismo nos três principais destinos da África do Norte; embora a OMT estabeleça o Egito como um país do Oriente Médio, levaremos em consideração a divisão geográfica. Observa-se que nem sempre numa mesma região quem possui uma demanda superior mantenha a tendência no que se refere aos ingressos obtidos.

Analisa-se que o Egito comparativamente com os países da região é o que mais lucra em receita com o advento da atividade turística, embora só a partir da metade da década de 90 seu fluxo veio superar o do Marrocos; e possuísse no mesmo período uma demanda 30% menor em comparação com a Tunísia no ano apresentado. A explanação para a variação demanda e receita está no grau de dependência de cada um desses países a mercados específicos e ao preço apresentado pelo destino.

Verifica-se no quadro 2.2 a lista de países africanos integrantes do rol dos 40 mais visitados do mundo entre o período 1985-1998, pode-se constatar que dos quatro, três estavam na África do Norte e apenas a África do Sul a partir de 1995 se enquadrou no quadro. A evolução sul-africana demonstra que todo destino dependente a um mercado tende a se estagnar em relação aos que possuem uma demanda diversificada. Esse é o caso do Norte da África em relação

ao Sul da África, e explica o crescimento sul-africano sobre os outros países; observa-se tal tendência no quadro abaixo.

	1985	1995	1998
<b>Africa do Sul</b>	-	26°	25°
<b>Tunísia</b>	32°	29°	30°
<b>Egipto</b>	39°	37°	35°
<b>Marrocos</b>	30°	39°	39°

Quadro 2.2 – Desempenho dos países africanos entre os 40 mais visitados do mundo 1985/1998. Fonte: Ninot, Ricard Pie, 2001

### Desenvolvimento do Turismo no Centro da África

Como se vê no quadro 2.2 a limitação de países com uma demanda significativa no continente africano é muito grande, e o Centro da África especificamente talvez seja a menos desenvolvida no contexto do Turismo internacional se configurando como um dos grandes desafios da atividade nos próximos anos, não apenas pela necessidade do Turismo fazer parte do quadro de amenização dos problemas sociais, mas também como forma de agregar atrativos turísticos ainda desconhecidos.

Para isso considera-se importante a aplicação de um diagnóstico que venha identificar elementos atrativos que após um trabalho de planejamento, organização, difusão, desenvolvimento de infra-estrutura básica e turística se torne propícia à apresentação no mercado turístico internacional, a fim de incluir áreas do continente africano ainda desconhecidas ao grande público.

Omotayo Brown (1999) afirma que aspectos são inibidores a evolução do Turismo no continente africano, o que por consequência reduz a capacidade de atração de investimentos concretos e fluxos de visitantes sólidos, esses aspectos podem ser observados no quadro 3.1.

Essas variáveis abordadas estrangulam a capacidade de crescimento do Turismo na África Central, pois coloca em risco a estrutura a ser projetada nos mais diversos países, ao tempo em que impedem a afirmação de bases mínimas que sustentem o desenvolvimento planejado da região, por exemplo, o sistema aéreo no centro da África é controlado pelos próprios pilotos, pois os países não dispõem de um controle aéreo

seguro e moderno, isso coloca em risco a segurança dos vôos, o que é levado em consideração na hora de optar pela instalação de um complexo hoteleiro, ou pela formatação de um pacote turístico.

Riscos macro políticos nas variáveis de análise do Turismo na África
Revolução
Golpes de Estado
Guerra Civil
Conflitos de facções
Desordem étnica e religiosa
Terrorismo
Protestos/Boicotes
Opinião pública mundial
Nacionalização/Expropriação
Restrições de repatriação
Luta por poder
Inflação alta
Políticas burocráticas
Conflitos de fronteira
Alta dívida externa

Quadro 3.1 – Riscos macro políticos nas variáveis de análise do Turismo na África. Fonte: Brown, adaptado por Simon (1982).

Consideraremos como África Central três sub-regiões do continente, a de países na África Oriental, na África Ocidental e a Central propriamente dita. A África Oriental possui países que já visualizaram a importância do Turismo como atividade econômica, nações como Quênia, Tanzânia, Moçambique, Madagascar já vêm projetando ações nesse sentido, contudo a demanda é limitada considerando a riqueza natural e cultural desse espaço.

O Quênia, por exemplo, recebeu em 2003 um fluxo de 927 mil turistas algo que correspondeu nesse período a 3% do total africano, logrando uma receita de 339 milhões dólares (2.4% do todo africano), Gana em comparação, pequeno país da costa oeste recebeu um fluxo de 483 mil visitantes (1.6% do total africano) e uma receita de 414 milhões de dólares (2.9% do total). Nessas dados pode-se perceber que embora obtenha um fluxo que em 2005 já ultrapassou os 1 milhão e 200 mil visitantes, o percentual de recursos oriundos do Turismo na economia do Quênia ainda é limitado em

relação ao contexto macroeconômico do país (OMT, 2004).

Outros países como Uganda dispõe de atrativos turísticos extremamente diversificados, desde as savanas, florestas, ampla diversidade de lagos, e animais exóticos como os gorilas. Já existem áreas projetadas ao Turismo internacional como o Sudãoeste e o Norte do país na divisa com o Sudão, mas os grandes desafios de Uganda é a sua promoção no exterior e, sobretudo a ampliação de infra-estrutura básica essencial ao deslocamento dos visitantes por seu interior, além da restauração de seu patrimônio histórico e necessidade de condução nas escavações de sítios arqueológicos existentes no país.

Uganda se difere de muitos de seus vizinhos, pois já apresentou um amplo diagnóstico turístico com a proposta de aplicação de roteiros integrados entre os seus mais diversos atrativos, contudo os problemas já citados impedem tal fortalecimento pela falta, sobretudo de recursos financeiros (Republic of Uganda – Ministry of Tourism, Wildlife & Antiquities, 1993).

O Turismo já corresponde a 10% do PIB da Tanzânia (Nelson, 2004), em 1990 a receita turística do país representava 51 milhões de euros, evoluindo em 2003 a ingressos de 398 milhões de euros, chegando a um aumento de 680%. Embora o *boom* no início da década de 90, o país apresentou estagnação nos últimos dez anos, fazendo com que seu percentual de participação caísse de 5,9% para 3,2% dos ingressos obtidos em todo continente africano. A demanda entre 2000 e 2002 cresceu numa média de 9%, contudo a receita se manteve no mesmo patamar. Uma das explicações para isso está no fato da Tanzânia não dispor de uma companhia aérea comercial que faça vôos internos e que assim possa deslocar os turistas pelo país.

Ruanda é um dos países cujos parques naturais são celeiros de animais selvagens, como os gorilas, porém a descoberta de que o vírus ebola põe em risco a sobrevivência desses animais, é algo que inevitavelmente servirá de restrição aos turistas, o próprio descontrole do vírus da AIDS em humanos ainda é motivo de receio da demanda externa, no entanto todos esses aspectos precisam de amplo empenho da comunidade internacional, tendo por objetivo o apoio

para o controle desses problemas e, por consequência a atividade turística será estimulada podendo se configurar como ação sustentável de benefícios sociais e econômicos a esses países numa perspectiva de médio a longo prazo.

A África Ocidental exibe um número de países que enfrentam graves problemas sociais, muitos dos quais entre os mais pobres do planeta, isso inibe a possibilidade de desenvolvimento da atividade turística devido a convulsão social existente, porém alguns países vem obtendo do Turismo um meio de renda importante. Esse é o exemplo de Gana, localizado as margens do Oceano Atlântico.

Em 1988 o país havia recebido 114000 turistas, obtendo dez anos depois um fluxo de 348000 visitantes. Gana possui praias de boa qualidade, além de atrações históricoculturais que retratam o domínio europeu na região durante o Século passado. A receita turística internacional cresceu de 55,3 milhões de dólares em 1988 para 285 milhões de dólares em 1998 e demonstrando a evolução do Turismo no período o número de hotéis passou de 273 para 730 no país (Sirakaya, Teye, Sönmez, 2002).

O Turismo já é a terceira fonte de exportação de Gana, atrás apenas dos minérios e do cacau, isso se deve sobremaneira àqueles países africanos que apresentam estabilidade política e que consideram o Turismo como prioridade. Atualmente, na África Ocidental é o caso principalmente de Gana e Senegal.

O Turismo não se desenvolve naturalmente naqueles espaços cujos problemas internos são maiores do que suas perspectivas de intercambio externo. Segundo Brown (1999) ocorreu algum tipo de conflito político no período 1980-1999 nos seguintes países africanos: Sudão, Marrocos, Argélia, Congo, Etiópia, Eritreia, Ruanda, Nigéria, Serra Leoa, Senegal, Quênia, Angola, Libéria, Zimbábue e África do Sul.

Vejamos o exemplo da Nigéria que pelas diversas etnias detentoras de ritos diferentes apresenta conflitos internos graves, o que atrelado à falta de infra-estrutura – problema freqüente entre os países do continente – acaba influenciando a atividade turística internacional no país. No entanto, em 2002 o país que detém certo desenvolvimento em relação aos vizinhos graças à

indústria petrolífera recebeu um fluxo considerado para os índices da região, com uma demanda de 887 mil visitantes estrangeiros, muito a ver com a riqueza histórico-natural do país como a Reserva Yankari Games e o Parque Kainji Lake, além da região litorânea de Badagri no Sul do país próximo a Lagos.

O problema estrutural é quase uma unanimidade entre os destinos da África, vejamos trecho de reportagem do Jornal espanhol *El País*:

“Mais de dois quilômetros de vagões carregados de minérios com só três vagões para passageiros. Sem luz (a metade da viagem é feita à noite), com a poeira e areia do deserto varrendo constantemente os compartimentos, atravessando paisagens esplendidas oferecendo-nos diversos tipos de desertos, o qual mais bonito”.

Essa reportagem configura bem o retrato do Turismo na região, embora possua elementos naturais da mais alta relevância, o potencial é minimizado pela falta de um sistema de transportes qualificado, por hotéis confortáveis, hospitalares, sistema elétrico e telefônico, segurança nos vôos, bases sanitárias, etc. Chingetti na Mauritânia a sétima cidade santa do islã possui apenas três horas de energia à noite, o que reduz a visitação turística e impede o fortalecimento da atividade.

Os países da África Central possuem poucos equipamentos turísticos, pois o número de conflitos políticos e da pobreza recorrente impedem por completo a captação de investimentos públicos e privados no setor do Turismo. Países como Chade, República Centro Africana, Congo, República Democrática do Congo e Niger apresentam os mais graves problemas que causam a impossibilidade da visitação turística com segurança, conforto e comodidade. Embora possua alguns elementos microeconômicos como o Parque Nacional Dzanga-Ndoki na República Centro Africana, a abrangência desses projetos no contexto macroeconômico dos países da região é restrito e insuficientes.

O primeiro passo para a transformação desse quadro é vontade política, tanto no que se refere às autoridades governamentais, quanto à sociedade organizada como um todo; o problema está na necessidade de integração dessas comunidades no propósi-

to em comum de desenvolvimento da atividade turística, algo que se enquadra como desafiador devido às diferenças étnicas existentes surgidas no transcorrer da história desses países.

O segundo passo é a atração de apoio internacional, iniciando pela ajuda dos países ricos para o financiamento na execução de políticas públicas fundamentais; outro ponto importante é o controle a corrupção e a instituição de um marco regulador que ofereça garantias ao capital externo. Deve-se considerar a viabilidade dos espaços junto aos investidores privados do setor que após um diagnóstico turístico da região considerará a possibilidade de aplicação financeira nesses países, enquadrado em um trabalho de planejamento amplo e eficaz.

O terceiro passo seria a divulgação externa da região e a apresentação do local como um espaço propício à prática do Turismo de forma segura e atrativa, buscando a retirada de dogmas históricos que sempre significaram alguns países africanos no exterior; paralelo a um trabalho de qualificação e integração dos autóctones na participação do Turismo, realizando a partir daí um trabalho de mensuração que configure os benefícios do Turismo as comunidades receptoras.

Esse paradigma levará possivelmente décadas para lograr o efeito esperado e só alcançará tal finalidade a partir do momento que houver disposição e interesse dos autóctones na participação do Turismo no contexto econômico dos países da África Central.

### Turismo no Sul da África

O Sul da África ganhará uma nova dimensão após a Copa do Mundo de Futebol em 2010 na África do Sul e isso deve gerar uma série de benefícios à África Subsaariana como destino turístico. Essa já é a região que apresenta a melhor perspectiva de evolução no continente devido, sobretudo aos seus elementos turísticos e a boa estabilidade existente em ampla parte da região.

Em países como Botswana o Turismo já corresponde a 5% do PIB, levando em conta que só o diamante no país é referente por 75% do PIB (Marandu, Kayanak, 2006). A política estabelecida pelos órgãos públicos do país apresenta a diretriz do alto custo,

baixo volume, ou seja, um número menor de turistas, mas com um gasto turístico maior, esse trabalho tem por finalidade a diversificação econômica do país, e isso é um benefício do Turismo já que possui a capacidade de desenvolver-se tanto em pequenos, como em grandes municípios, no interior ou na capital, desde que existam elementos de infra-estrutura suficientes.

Os dois principais produtos turísticos de Botswana são o Okavango Delta e o Chobe-Kasane National, o primeiro uma área com lagos, canais e ilhas, além de possuir o maior delta do mundo e o segundo um parque natural com forte presença de cinco animais – elefante, leões, búfalo, leopardos e rinocerontes.

A África do Sul – primeiro destino africano - durante as décadas de 70 e 80 apresentou uma fase de estagnação devido ao regime político existente no país; logo após o apartheid a partir da década de 90 e das eleições diretas, o país se abriu para os investimentos turísticos, o que permitiu sua notável recuperação nas últimas duas décadas, resultando num crescimento de 101% da demanda entre 1994 e 2005 (South African Tourism, 2005).

### Conclusão

A Organização Mundial do Turismo (2006) apresenta as prospectivas dos países africanos para o ano 2020 no que tange as suas taxas de crescimento até este período. Vejamos o quadro 5.1.

Dessa maneira pode-se concluir que exatamente as regiões mais desenvolvidas no setor são as que apresentam maiores perspectivas de crescimento nos próximos anos, porém as estimativas da OMT são incertas, pois o grau de variáveis endógenas nos países africanos podem alterar os números apresentados.

Diante dos assuntos expostos pode-se identificar a situação complexa pela qual atravessa boa parte dos destinos africanos e esse será um dos temas cuja abordagem nos próximos anos exigirá empenho e interesse dos diversos setores envolvidos com a atividade, tendo por propósito o encontro de mecanismos que minimizem a ineficiência pela qual se encontra o Turismo em boa parte dos países africanos.

África do Sul	6,4%
Botswana	
Egito	
Líbia	
Namíbia	
Djibuti	4,7%
Eritreia	
Etiópia	
Malawi	
Moçambique	
Quênia	
Somália	
Uganda	
Tanzânia	
Zâmbia	
Zimbábue	
Argélia	3,4%
Marrocos	
Saara Ocidental	
Sudão	
Tunísia	
Angola	1,9%
Benin	
Burkina Faso	
Camarões	
Chade	
Congo Kinshasa	
Costa do Marfim	
Gabão	
Gâmbia	
Gana	
Guiné	
Guiné Bissau	
Guiné Equatorial	
Libéria	
Mali	
Mauritânia	
Niger	
Nigéria	
República Centro Africana	
República Democrática do Congo	
Ruanda	
Senegal	
Serra Leoa	
Togo	

Quadro 5.1 - Prospectiva de crescimento da OMT para os países africanos no período 1995-2020.

## Referências

- Brown, Desmond Omotayo  
 2000 "Political risk and other barriers to tourism promotion in Africa: Perceptions of US-based travel intermediaries". *Journal of Vacation Marketing*. 6(3): 197-210.
- El País.  
 2006 "Los dos mares de Mauritania". Edición online 18/11/2006. Disponível em [www.elpais.es](http://www.elpais.es). Acesso em 14/12/2006.
- Kaynak, Marandu; Erdener, Edward  
 2006 "Tourism Market potential analysis in Botswana: A Delphi study". *Journal of Travel Research*. 45: 227-237.
- Mansfeld, Winckler; Yoel, Onn  
 2004 *Options for viable economic development through tourism among the non-oil Arab countries: the Egyptian case*. Tourism Economics. pp. 365-388.
- Nelson, Fred; *The evolution and impacts of community-based ecotourism in northern Tanzania*. International Institute for environment and development. Issue paper n. 131. nov. 2004.
- Ninot, R.  
 2003 Principales países receptores de turistas. Universitat Politècnica di Catalunya, Barcelona, p.143. Disponible en <[http://www.tdx.cesca.es/Tesis\\_UPC/available](http://www.tdx.cesca.es/Tesis_UPC/available)> Acesso en 14/09/2005.
- Organização Mundial do Turismo.  
 2006 1946-2006: *Sesenta años de una organización al servicio del Turismo mundial*. Disponível em [www.unwto.org](http://www.unwto.org). Acesso em 10/01/2007.
- Organização Mundial do Turismo.  
 2004 *Tourism Highlights edition 2004*. Disponível em [www.unwto.org](http://www.unwto.org). Acesso em 23/04/2005.
- Republic of Uganda – Ministry of Tourism,  
 2003 Wildlife & Antiquities. *National Structure Plan for Tourism*. World Tourism Organization. Madrid.
- Sirakaya, Teye, Sönmez; Ercan, Victor, Sevil  
 2002 "Understanding resident's support for Tourism development in the Central region of Ghana". *Journal of Travel Research*. 41: 57-67.

South African Tourism  
2005 *Tourism Arrivals*. Disponível em  
[www.southafrica.net](http://www.southafrica.net). Acesso em  
10/09/2006.

*Recibido: 01 de marzo de 2007  
Reenviado: 30 de junio de 2007  
Aceptado: 15 de septiembre de 2007  
Sometido a evaluación por pares anónimos*